www.
zippergaleria.
com.br

zipper@
zippergaleria.
com.br

+55 11 4306 4306

R. Estados Unidos 1494
01427 001
São Paulo SP Brasil

ZIPPERGALERIA

O Vaso de Ojuara
Claudia Marchetti

Texto: Paula Alzugaray

Pintura para, laboriosamente, desatar redes

Muito muito tempo atrás, alguns milênios talvez, um mensageiro correu o mundo espalhando uma boa notícia. Em grego antigo, escreveu que, antes de tudo ser criado, o que existia no mundo era a razão, o pensamento, o verbo. A palavra antes das coisas. Mas, na história que vamos contar aqui, não foi bem assim que aconteceu. Vamos contar a história de como a retomada da pintura da artista Claudia Marchetti, 20 anos depois de sua última exposição realizada, acontece por meio de Ojuara, uma menina caiçara com poderes mágicos, que lidera a resistência das comunidades tradicionais dos litorais brasileiros.

A experiência com a escrita de livros que abordam os efeitos nocivos da crise ambiental e da especulação imobiliária sobre as populações caiçaras e ribeirinhas e os ecossistemas da Mata Atlântica foi o disparador para a nova e abundante produção pictórica de Claudia Marchetti. Mas, antes de ser verbo, Ojuara apareceu para Claudia como imagem. A personagem Ojuara e suas histórias surgiram a partir de imagens de um vaso, três ovos e três cobras.

Tudo aconteceu em um dia como outro qualquer, na comunidade litorânea onde Ojuara vive. A menina corria de um lado para o outro com os animais, caminhava pela mata, pescava, quando topou com um vaso de barro com três ovos dentro. Os ovos quebraram e deles saíram cobras. Mas não eram cobras peçonhentas nem venenosas. Eram bravas e valentes, sim, mas também cobrinhas mágicas. Claudia foi buscar os significados dos elementos encontrados por sua personagem: a cobra, para muitas culturas, simboliza a cura, a sabedoria, a eternidade. O ovo está ligado ao renascimento, à força vital, à fertilidade. E o vaso, ao útero. Com as cobras, vieram histórias de força, resiliência e superação.

www.
zippergaleria.
com.br

zipper@
zippergaleria.
com.br

+55 11 4306 4306

R. Estados Unidos 1494
01427 001
São Paulo SP Brasil

Ao destampar o vaso, Ojuara iniciou um processo de esclarecimento a respeito das condições adversas da vida de sua comunidade, prejudicada pelo "avanço" da civilização, mas também começou um ciclo de empoderamento, autonomia e luta pela transformação.

O mesmo pode ser dito sobre a autora. Ao tirar a tampa do vaso, Claudia passa a se entender como Ojuara. A ficção inspira a renovação de sua atividade artística e a pintura ressurge como matriz de um propósito maior que o pessoal, o de conectar-se a um meio ambiente e uma causa social junto às comunidades tradicionais ameaçadas.

Com Ojuara, Claudia vive o inverso do que um autor experimenta ao escrever autoficção, essa categoria literária que transforma a vida em texto. Ocorre aqui uma cronologia incomum: é a obra que antecipa a vida. Não se trata apenas de Ojuara ter ocupado o lugar de heterônimo de Claudia: é a personagem que alimenta a biografia da autora, transformando-a.

Esse raciocínio nos leva a pensar que o vaso está para Ojuara-Claudia assim como a "bolsa de ficção" está para Ursula K. Le Guin. No texto *Teoria da Bolsa de Ficção*[1], a escritora estadunidense desafia convenções que atrelam o gênero do romance a histórias de ação, heróis, homens e conquistadores, reduzindo a narrativa ao conflito. O texto desbanca as "lanças e espadas, as coisas de golpear, cutucar, bater, as armas longas e duras", para colocar em seu lugar, como primeiro dispositivo cultural da humanidade, o recipiente.

Os recipientes para armazenar itens coletados. Eis que, então, Le Guin elabora sua teoria da bolsa de ficção, segundo a qual o recipiente é a forma natural do romance. "Um livro guarda palavras. Palavras guardam coisas. Elas carregam significados", escreve a autora de ficção científica, que identifica seus romances como bolsas grandes e pesadas, carregando desde objetos até "grãozinhos de coisas menores que um grão de mostarda, e redes intrincadamente tecidas que, quando laboriosamente desatadas, revelam conter um seixo azul, um imperturbável cronômetro em funcionamento, indicando o tempo de outro mundo (...)"[2].

Como a bolsa, o vaso também é uma coisa que contém outra. Um recipiente, uma matriz. Mas que coisas estão guardadas nas pinturas de Claudia Marchetti? Para começar, muitos ovos, muitas cobras e muitos peixes.

www.
zippergaleria.
com.br

zipper@
zippergaleria.
com.br

+55 11 4306 4306

R. Estados Unidos 1494
01427 001
São Paulo SP Brasil

ZIPPERGALERIA

Ficções encharcadas de realidade

Em *Mar de Lama* (2026), as montanhas escorrem. A pintura é a representação simbólica dos deslizamentos de terra ocorridos no litoral de São Paulo no verão de 2023, durante um temporal que devastou a região. As maiores chuvas já registradas em um período de 24 horas na história do país[3] causaram morte, destruição e deram origem ao segundo livro da série: *Ojuara – A Chuva na Mata Atlântica* (Arteedições e seloceleste, 2026). A tela sintetiza a agonia que a personagem enfrenta ao longo de várias páginas do livro. É uma cena apocalíptica, a crítica a um modelo de sociedade fundado em crescimento econômico a qualquer custo, inclusive o de matar e esgotar os recursos naturais do planeta.

Rede de Peixe (2026) traz à tona a principal atividade de sustento da comunidade caiçara de Ojuara, a pesca. Na composição, a rede de pesca é estilizada em uma linha gráfica que conecta ilhas, água e peixes em um movimento ziguezagueante que remete às muitas serpentes que povoam outras telas. A imagem induz, acima de tudo, ao gesto simbólico da formação de redes que tem embalado o trabalho artístico de Claudia Marchetti.

Nos trabalhos da nova fase – e, nisso, eles se relacionam ao estilo de 20 anos atrás –, a linguagem pictórica é tecida no enlace entre uma figuração ingênua e esquemática. Isso também é evidente na tela *Serpente Vermelha* (2026), em que uma árvore genealógica de peixes está emoldurada por arbustos, diante de uma paisagem marinha em que nuvens ventam e uma cobra serpenteia no céu.

Perseguimos os caminhos da serpente de fogo e chegamos às telas da série *Chorar sobre o Leite Derramado* (2026), que sugere uma interessante relação entre texto e imagem. Embora não apresentem palavras, os trabalhos são construídos em módulos. As telas, de tamanhos diversos e acopladas, compõem frases de imagens que, por sua vez, se desdobram numa pintura narrativa.

Trata-se de uma estética da montagem, em que as telas podem ser associadas a peças de quebra-cabeças, a quadros de histórias em quadrinhos, ou frames de filmes. As composições apresentam os mesmos elementos – a cobra, o peixe, os ovos, a bacia, o jarro, o leite e o sangue derramados – formando desenhos animados. O uso restrito do azul-turquesa, do vermelho e do branco atribui uma

www.
zippergaleria.
com.br

zipper@
zippergaleria.
com.br

+55 11 4306 4306

R. Estados Unidos 1494
01427 001
São Paulo SP Brasil

unidade a essas pinturas-frases que, compartilhando a mesma parede, formam juntas uma grande narrativa. Um texto.

As pinturas e as ficções de Ojuara-Claudia Marchetti parecem carregar um duplo propósito: parar o relógio de um modelo de mundo baseado na dominação e lançar sementes de outra temporalidade, outra história, uma história não contada, uma história da vida. Como um Ouroboros, a história desta exposição nos leva de volta para onde tudo começa: aos jarros, muitos e de culturas diferentes, que aparecem nos trabalhos da série *Memórias Arqueológicas* (2025). Potes de barro, cerâmica indígena, porcelana chinesa. Jarros que, simbolicamente, são as barrigas e os úteros de onde mais e mais sementes de florestas e de ficções vão continuar jorrando.

1

LE GUIN, Ursula K., *A Teoria da Bolsa de Ficção*. São Paulo: Cobogó, 2026, pp 20-21

2

Op cit, p 21.

3

https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/02/26/temporal-devastador-no-litoral-norte-de-sp-completa-uma-semana-veja-resumo-da-tragedia.ghtml